

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

GUIA DO ESTUDANTE

História
4º ano



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1990/91

378(05)
Guia
C13

C-B = 657150

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

GUIA DO ESTUDANTE

XI



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1990/91

Guia do Estudante da FLUP. HIS : 3º Ano

Vol. 11, 1990-1991

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 100

GUIA DO ESTUDANTE - 1990

INTRODUÇÃO

Na sequência do trabalho levado a cabo por anteriores Conselhos Directivos, edita-se no ano lectivo de 1990-91, pela 11^a vez, o Guia do Estudante.

Como parte integrante da vida da Faculdade de Letras do Porto, o Guia pretende ser, fundamentalmente, um instrumento de informação útil para os alunos nos planos pedagógico, científico, administrativo e da utilização de serviços. Mas nele também cabe o registo de acontecimentos que, de uma ou outra forma, marcaram o trajecto desta instituição ao longo do passado ano lectivo.

Em 12 de Dezembro de 1989 foram aprovados os Estatutos da FLUP, momento assinalável na vida e autonomia da Faculdade e facto que implicou uma responsabilização acrescida de todos os sectores da Escola. Em 19 de Junho de 1990 coube à FLUP ser a primeira instituição no quadro da Universidade Portuguesa a outorgar o grau de doutor "honoris causa" a Sua Ex: o Presidente da República. Assinale-se ainda a continuação das obras do novo edifício da FLUP que, prosseguindo a bom ritmo, levarão à existência, a curto prazo, de um novo espaço de docência, estudo, investigação e convívio académico, onde novos desafios nos esperarão a todos - professores, alunos e funcionários - em termos de direitos conquistados e de deveres a cumprir. Será talvez o momento ideal para finalmente concretizar um modelo de funcionamento da Faculdade cujas linhas de força se paudem, cada vez mais, pelo profissionalismo, pela eficácia e pelo rigor, contornando deste modo uma por vezes excessiva dependência em relação a um espírito de boas vontades que, sempre louváveis, não chegarão para enfrentar o futuro dos anos 90.

Mas o primeiro grande desafio que se nos depara é já o do ano lectivo de 1990-91. Será seguramente mais um teste à capacidade de todos os que nesta casa trabalham. Será também um ano em que o Conselho Directivo, em colaboração com os demais órgãos de gestão e com a Associação de Estudantes, procurará empenhar-se no bom funcionamento de todas as actividades que na Faculdade tenham lugar. É também dentro desse espírito que se espera que o actual Guia possa valer como contributo importante.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1990

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.
Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir

o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);

na Sala de Obras de Referência (livre acesso);

b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

a) Onomástico

b) Didascálico

c) CDU (Classificação Decimal Universal)

c) Cardex (Publicações Periódicas)

d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)

e) Base de dados local.

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1.Digite: GEAC.

2.Carregue tecla ENTER.

3.Digite: CAT.

4.Siga as instruções que aparecem no écran.

5.Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989

"Boletim Temático", Porto, 1990.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30

Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desempedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2^a a 6^a feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História (Variante Arte; Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est.

Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia
Sociologia.

Curriculos em vigor em 1990/91:

1º, 2º, 3º e 4º anos - Port. nº 850/87

4º ano - Dec. nº 53/78

4º ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

5º ano de Sociologia - Seminário de Investigação

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º e 4º anos).

b) Tradução (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Filosofia do Conhecimento

Arqueologia

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

- a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;
- b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-

se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação e Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa e Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:
"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e
Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port/Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl. ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º e 4º anos de todas as variantes de LLM com línguas estrangeiras

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária publicação no Diário da República.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congêneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 24.07.90)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 38º, ponto 2, alínea a) dos Estatutos da Universidade do Porto, publicados no Diário da República, I série, nº178, de 4-8-89 e pelo Artº 13º, ponto 6, alínea a) dos Estatutos da Faculdade de Letras, publicados no Diário da República, II série, nº29, de 3-2-90, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidos pela Portaria nº886/83 de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 24-7-90 as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1990-91.

As normas agora propostas introduzem modificações pontuais no texto em vigor no ano lectivo de 1989-90. Chama-se a atenção, no entanto, para os novos artigos 10º e 11º.

CAPITULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, in-

dividuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação um trabalho escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obegeçam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta dos testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As datas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

Artº 10º - Afixação de notas das provas orais.

As notas das provas orais devem ser afixadas no próprio dia da prova.

Artº 11º - Casos de fraude.

1 - No início de cada prova o docente deverá informar claramente os alunos das condições de realização da prova.

2 - Em caso de fraude em flagrante susceptível de ser comprovada, o professor deverá anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3 - Caso haja suspeitas bem fundamentadas de fraude de que no entanto não se tenha podido fazer prova, deverá o docente comunicar todas as informações de que dispõe ao Conselho Pedagógico. O Conselho Pedagógico deverá tomar posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.

4 - No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à Secção Disciplinar do Senado Universitário.

CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 12º - Tipos de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de provas, tais como trabalhos de investigação, relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

& 1º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

& 2º - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

& 3º - As classificações da avaliação contínua devem ser afixadas em qualquer caso, indicando especificamente o resultado obtido em todos os momentos de avaliação realizados.

Artº 13º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1

teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Art.º 14º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

§ único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art.º 15º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, submetendo-se à avaliação final em Julho, até ao fim do primeiro período de avaliação periódica (línguas vivas) e nas restantes disciplinas até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa.

Artº 16º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua poderão não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 17º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser

realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 18º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 19º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Artº 20º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria de nota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 21º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 22º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deverá ser comunicada por escrito ao professor antes do final das aulas.

Artº 23º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 24º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art. 6º.

§ Único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá

ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Artº 25º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º.

Art. 26º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Artº 27º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Artº 23º.

Art.º 28º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Artº 29º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 18º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendário das provas em 1990-1991

(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 4 a 23 de Fevereiro de 1991

" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1991
Exame final - Época normal: de 1 a 20 de Julho de 1991 (provas escritas)

" - Época de recurso: de 9 a 21 de Setembro de 1991
(provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 4 a 23 de Fevereiro de 1991

" " - Segundas provas: 20 de Maio a 1 de Junho de 1991

Exame final - Época normal: 17 de Junho a 30 de Junho de 1991

" - Época de recurso: de 9 a 21 de Setembro de 1991

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88/89

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87/88

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)/89

Anexos desta série:

I - Problematícias em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Duas Línguas em Contraste Português e Alemão: Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão, Porto, Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984
I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (no Centenário da sua Morte) (Faculdade de Letras, Maio de 1985), Porto, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

Encontro de Literatura Sufia (15-17 de Maio de 1989), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989

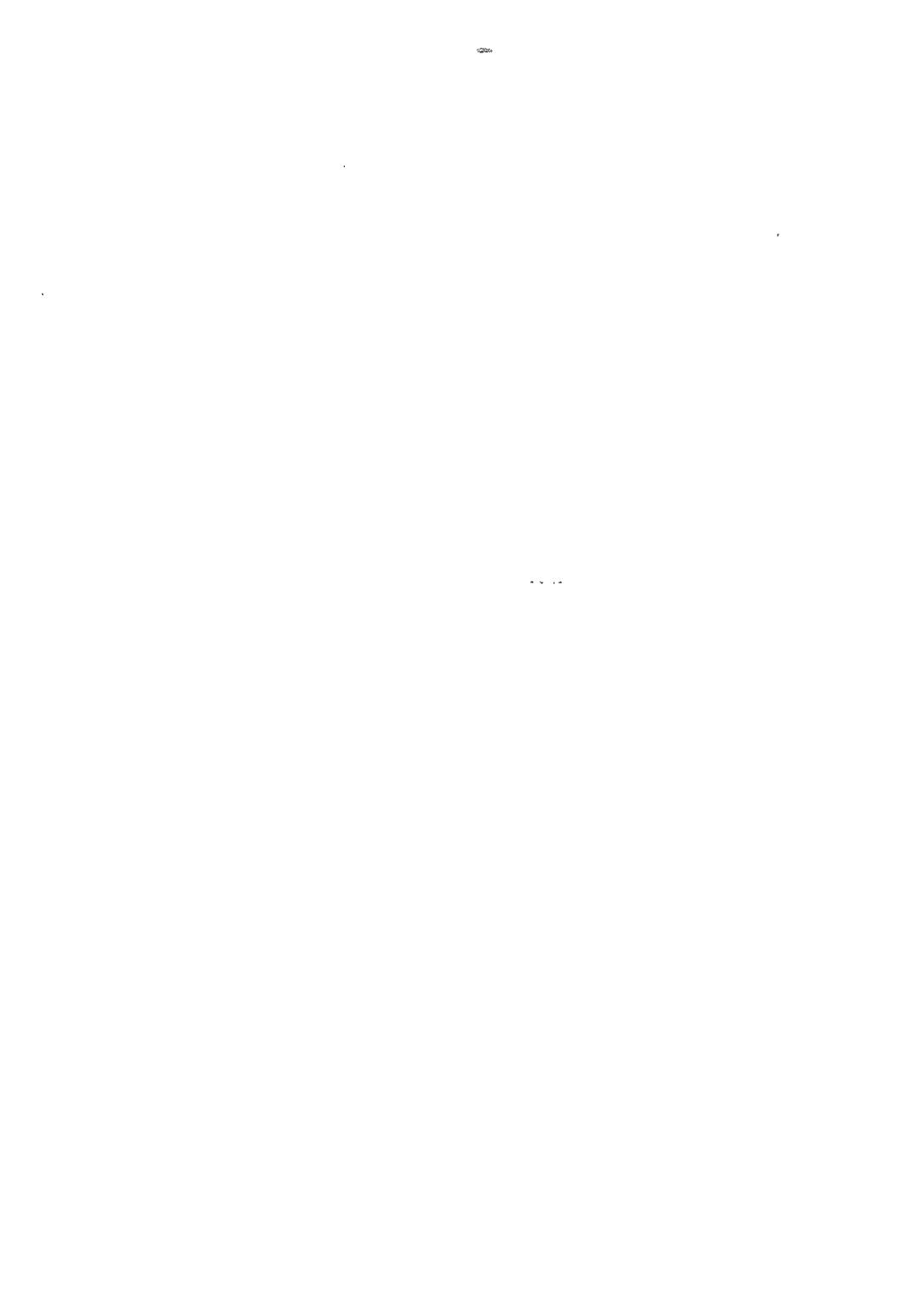
Faculdade de Letras do Porto 1919-1931: Contribuição Bibliográfica para a sua História, por Adriano Eiras, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

Eça e "Os Maias". I Encontro Internacional de Queirosonianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990

PROGRAMAS

Nota: 1. Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1990-91. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

2. Em virtude do tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.



HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Victor de Sá
Dr. Luis Alberto Marques Alves

- I. Introdução ao estudo da Época contemporânea portuguesa.
1. O conceito histórico da Época Contemporânea.
2. A Época contemporânea portuguesa e as mudanças estruturais que se verificam em relação ao Antigo Regime.
- II. O período da instauração do liberalismo em Portugal.
 1. O processo da instauração do liberalismo.
 - 1.1. O 1º período liberal (1820-1823).
 - 1.1.1. A revolução de 1820. Condicionantes internos e externos.
 - 1.1.2. Os grandes problemas nacionais e a acção das Constituintes (a questão do Estado; a questão brasileira; a questão agrária e o protecionismo).
 - 1.1.3. A Constituição de 1822.
 - 1.2. Da Constituição à Carta Constitucional (1823-1826).
 - 1.2.1. O golpe de Estado da Vilafrancada (1823).
 - 1.2.2. A Abrilada (1824).
 - 1.2.3. O reconhecimento da independência do Brasil (1825).
 - 1.2.4. A Carta Constitucional (1826).
 - 1.3. Da outorga da Carta Constitucional à instauração definitiva do liberalismo (1826-1834).
 - 1.3.1. Condicionantes internos e externos da vigência da Carta Constitucional.
 - 1.3.2. O regresso de D. Miguel e a restauração do absolutismo. A revolta constitucionalista de 1828 no Porto (16 Maio) e a Terceira (5 de Outubro).
 - 1.3.3. A nova conjuntura política europeia. A expedição liberal e a guerra civil.
 - 1.3.4. A legislação de Mouzinho da Silveira (1832).
 - 1.3.5. Complemento das medidas revolucionárias: a lei das indemnizações; a lei da supressão das ordens religiosas; a lei da venda dos bens nacionais e o processo de transferência da propriedade.
 - 1.4. A luta pelo poder entre as diversas facções da burguesia liberal (1834-1851).
 - 1.4.1. A Convenção de Évora-Monte, a Quádrupla Aliança e o domínio político da alta burguesia cartista.
 - 1.4.2. A Revolução de Setembro de 1836 e o Setembrismo. A Constituição de 1838.
 - 1.4.3. A restauração da Carta e a 1ª ditadura de Costa Cabral (1842-1846).
 - 1.4.4. A revolta da Maria da Fonte (1846).
 - 1.4.5. A guerra civil da Patuleia (1846-1847). A intervenção estrangeira.

geira. 1,

1.4.6. A conjuntura revolucionária europeia de 1848 e a sociedade portuguesa. A nova geração: a emergência das ideias de república e de socialismo. A 2^a ditadura de Costa Cabral (1849-1851), a oposição e o movimento da Regeneração.

2. A sociedade portuguesa na 1^a metade do século XIX.

2.1. A fraqueza do crescimento demográfico na 1^a metade de oitocentos. Crises agrícolas, invasões francesas, surtos epidémicos...

2.2. As assimetrias regionais.

2.3. Êxodo rural, fraqueza da urbanização e emigração para o Brasil.

2.4. Estratificação e evolução social. Permanências e transformações.

3. A economia portuguesa na 1^a metade do século XIX.

3.1. A evolução da conjuntura económica de fins do séc. XVIII a meados do século XIX.

3.2. Transformações liberais - permanências e rupturas. O longo processo de industrialização. O proteccionismo stembrista e o tratado luso-britânico de 1842. As mudanças no sector agrícola. Dinamismo financeiro e criação de condições para a formação do mercado interno nacional com o Cabralismo.

3.3. A revolução liberal e os grandes problemas económicos nacionais.

3.3.1. A abolição do antigo regime económico.

3.3.2. A luta pela independência económica: protecionismo e livre-câmbio.

3.3.3. A necessidade de reconversão da economia de base colonial atlântica.

3.4. Travões estruturais do desenvolvimento económico português.

3.4.1. A manutenção do império e a "política de transporte".

3.4.2. A dependência externa.

3.4.3. "Crescimento agrícola sem industrialização" - a falta de desenvolvimento sincrónico dos dois sectores produtivos.

3.4.4. A falta de articulação entre o sector dinâmico da economia e os outros sectores da actividade económica.

3.4.5. Dependência dos agentes económicos do protecionismo e das actividades de fomento estatal.

3.4.6. Estrutura senhorial da propriedade e ausência de um campesinato independente.

3.4.7. Mentalidade aristocratizante da burguesia portuguesa. Valores mentais/simbólicos que fazem assentar na terra a importância económica e o prestígio social. Atração por actividades não produtivas. Desvalorização do trabalho.

4. Transformações culturais na 1^a metade do século XIX.

4.1. As transformações culturais.

4.1.1. Laicização da cultura dominante.

4.1.2. Cultura como reflexo dos valores das novas camadas sociais dominantes.

4.2. Evolução da cultura dominante desde o Pombalismo a meados do

século XIX.

III. Da Regeneração ao fim da Monarquia.

1. A evolução política.

1.1. A Regeneração ou a estruturação do capitalismo.

1.2. A 1^a fase do Rotativismo (1851-1865).

1.2.1. O Acto Adicional de 1852.

1.2.2. O fontismo.

1.3. Período intercalar (1865-1876).

1.3.1. A fusão e a recomposição político-partidária no final do período: o aparecimento de novos partidos - o Partido Socialista e o Partido Republicano; o Pacto da Granja e a reunião de históricos e reformistas no Partido Progressista.

1.3.2. Da prosperidade à crise bancária.

1.4. A 2^a fase do Rotativismo (1878-1890).

1.4.1. A questão colonial e o "ultimatum" inglês.

1.5. Período intercalar (1890-1893).

1.5.1. O "31 de Janeiro de 1891".

1.5.2. A crise financeira de 1891 - conjuntura interna e externa.

1.5.3. O governo de Dias Ferreira.

1.6. A 3^a fase do rotativismo (1893-1906).

1.6.1. Desagregação dos partidos monárquicos e ascensão republicana.

1.7. Os governos de João Franco: parlamentar (Maio 1906-Maio 1907); ditadura (Maio 1907-Fevereiro 1908). O regicídio e o retorno ao sistema parlamentar.

1.8. Portugal nas vésperas da República.

2. A sociedade portuguesa na 2^a metade do século XIX.

2.1. Estruturas e movimentos demográficos (1864-1911).

2.2. As estruturas sociais em transformação.

2.2.1. A ascensão das burguesias urbanas.

2.2.2. A reestruturação social nas cidades: industrialização, crescimento do operariado e agudização dos conflitos sociais.

2.2.3. A reestruturação social nos campos.

3. A economia portuguesa na 2^a metade do século XIX.

3.1. A situação da economia portuguesa no contexto internacional.

3.2. A agricultura.

3.3. Progressos e dificuldades da industrialização.

3.4. O comércio.

3.4.1. A formação do mercado interno nacional.

3.4.2. O mercado externo e a balança comercial.

3.4.3. livre câmbio e protecionismo.

3.5. A banca e a evolução financeira.

IV. A Primeira República (1910-1926).

1. Repúbliga política e Repúbliga social.

2. Projectos e realizações. As grandes reformas.

3. 1917-1918: sidonismo versus sovietismo.

4. Ofensiva contra a democracia parlamentar.

5. Os interesses económicos e o golpe contrarevolucionário.
 V. A Ditadura (1926-1974).
1. Ditadura de generais: Gomes da Costa, Sinel de Cordes, Óscar Carmona.
 2. Salazarismo, Estado Novo, acumulação capitalista.
 3. Do ruralismo ao industrialismo.
 4. A questão colonial.
 5. O Marcelismo.
- VI. O restabelecimento da Democracia.
1. O 25 de Abril de 1974.
 2. Extinção dos organismos repressivos, a fim da guerra colonial e eleições.
 3. O regime democrático e a Constituição de 1976.
 4. Problemas económicos e tensões sociais.
 5. Um novo lugar de Portugal no Mundo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CASTRO, Armando de - A Revolução Industrial em Portugal no séc. XIX, 3^a ed., Porto, 1976
- JUSTINO, David - A formação do espaço económico nacional. Portugal 1810-1913, vol. I, Lisboa, 1988
- MARQUES, A. H. Oliveira - História de Portugal, vol. II, 2^a ed., Lisboa, 1976
- "- Guia de História da 1^a República Portuguesa, Lisboa, 1981
- PEREIRA, Miriam Halpern - Livre câmbio e desenvolvimento económico. Portugal na 2^a metade do séc. IX, 2^a ed., Lisboa, 1983
- "- Política e Economia. Portugal nos séculos XIX e XX, Lisboa, 1979
- SÁ, Victor de - A Crise do Liberalismo, 3^a ed., Lisboa, 1979
- "- Época Contemporânea Portuguesa - I, Lisboa, 1981
- "- Historiografia Sociológica de António Sérgio, Lisboa, 1979
- "- Instauração do liberalismo em Portugal, Lisboa, 1987
- "- Liberais & Republicanos, Lisboa, 1986
- SIDERI, Sandro - O Comércio e Poder, Lisboa, 1978
- TENGARINHA, José Manuel - Estudos de História Contemporânea de Portugal, Lisboa, 1983
- O Estado Novo. Das Origens ao Fim da Autarcia. 1926-1959, 2 vols., Lisboa, 1987
- A Formação do Portugal Contemporâneo: 1900-1980, vol. I: "Análise Social", nº 72-73-74, Lisboa, 1982; vol.II: "Análise Social", nº 77-78-79, Lisboa, 1983
- O Século XIX em Portugal, "Análise Social", nº 61-62, Lisboa, 1980

SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Docentes: Prof. Doutor Fernando de Sousa
Dr^a Maria Antonieta Cruz

No decorrer do ano lectivo, será incentivada a realização de trabalhos de índole prática, visando proporcionar a aplicação de conhecimentos adquiridos e o contacto com as fontes e os problemas de natureza histórica, de modo a estimular a investigação.

Programa-Síntese

1. A evolução demográfica (sécs. XVIII-XX).
2. A revolução agrícola (sécs. XVIII-XX)
3. A revolução industrial - crescimento económico, progresso científico e inovação técnica (sécs. XVIII-XX).
4. A revolução dos transportes (sécs. XVIII-XX).
5. Revolução Americana.
6. Revolução Francesa (origens, fases, evolução política e institucional na França revolucionária, a obra da revolução).
7. O Liberalismo.
8. A era da Democracia.
9. A Europa das Nacionalidades.
10. A sociedade industrial.
11. Movimento operativo e socialismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ASHTON, T. S. - A Revolução Industrial, Lisboa, Publ. Europa-América, 1977
- BAIROCH, P. - Révolution Industrielle et sous-développement, Paris, Mouton, 1974
- " " - Le Tiers-Monde dans l'impasse: le démarrage économique du XVIIIe au XXe siècle, Paris, Gallimard, 1983
- " " - Commerce extérieur et développement économique de l'Europe au XIXe siècle, Paris, Mouton, 1976
- BOUVIER, J. - Histoire économique et Histoire sociale, Paris, 1968
- " " - Initiation au vocabulaire et aux mécanismes économiques contemporains (XIXe-XXe siècles), Paris, S.E.D.E.S., 1977
- BRAUDEL, F. - Civilisation matérielle: économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle, 3 vols., Paris, Armand Colin, 1979
- " " - Las civilizaciones actuales, Madrid, Tecnos, 1970
- CHESNAIS, Jean-Claude - La transition démographique, Paris, P.U.F., 1986

- CIPOLLA, Carlo M., ed. - História económica da Europa, T. III e IV
 Barcelona, Ariel, 1979
- CROUZET, M. (dir. de) - Histoire générale des civilisations, T. V e VI, Paris, P.U.F., 1967
- DAUMAS, M. (dir. de) - Histoire générale des techniques, T. III, IV e V, Paris, P.U.F., 1979
- " " " - Histoire de la Science, Paris, Gallimard, 1957
- DOLLÉANS, E. - Histoire du Mouvement Ouvrier, Paris, A. Colin, 1939
- DROZ, Jacques (dir. de) - História geral do socialismo, 9 vols., Lisboa, Liv. Horizonte, 1984
- DUBIEF, Henri - Le Syndicalisme Révolutionnaire, Paris, A. Colin, 1969
- DUPEUX, Georges - La société Française (1789-1970), Paris, A. Colin, 1972
- DUROSELLE, J. B. - L'idée d'Europe dans l'Histoire, Paris, Denoel, 1965
- ELLUL - Histoire des Institutions, vol. 5, Paris, P.U.F., 1969
- FOHLEN, Claude - Le travail au XIXe siècle, Paris, P.U.F., 1967
- " " - Qu'est-ce que la Révolution Industrielle?, Paris, Robert Laffont, 1971
- FLAMANT, M. - Histoire économique et sociale contemporaine, Paris, Montchrestien, 1976
- FURIA, D.; SERRE, P. Ch - Techniques et sociétés, liaisons et évolutions, Pairs, A. Colin, 1970
- GRUNWALD, C. - Sociedade e civilização russas no séc. XIX, Lisboa, Aster, 1976
- GODECHOT, J. - Les Institutions de la France sous la Révolution et l'Empire, Paris, P.U.F., 1951
- HOBBSAWN, E. J. - A era das revoluções, Lisboa, Presença, 1978
- " " " - A era do capital, Lisboa, Presença, 1979
- JOURCIN, A. - Prólogo ao nosso século - 1871-1918, Lisboa, Pub. D. Quixote, 1981
- LANDES, D. S. - L'Europe technicienne. Révolution technicienne et libre essor industriel en Europe occidentale de 1750 à nos jours, Paris, 1953
- LEFRANC, Georges - O sindicalismo no mundo, Lisboa, Publ. Europa-América, 1974
- LÉON, Pierre (dir. de) - Histoire économique et sociale du monde, T. III e IV, Paris, A. Colin, 1978
- " " " - Économies et sociétés préindustrielles, T. II, Paris, A. Colin, 1970
- LESOURD, J. A.; GÉRARD, C. - História económica. Séculos XIX e XX, 2^a ed., vol. 1, Lisboa, Livraria Clássica Editora, s.d.
- " " " " " - Nouvelle Histoire Économique, T. I, Paris, A. Colin, 1979
- MANTOUX, Paul - La Révolution Industrielle au XVIII^e siècle, Paris, Génin, 1959

- MATHIAS, Peter - A primeira nação industrial, Lisboa, Assírio e
Alvim, s.d.
- MAURO, F. - Histoire de l'Économie Mondiale, Paris, Sirey, 1971
- MIRANDA, J. - Manual de Direito Constitucional, Coimbra, Coimbra
Editora, 1982
- MORAZÉ, C. - Os burgueses à conquista do mundo, Lisboa, Cosmos, 1965
- MORTON, A. L.; TATE, G. - Historia del movimiento obrero inglés,
Madrid, Fundamentos, 1971
- NIVEAU, M. - Histoire des faits économiques contemporains, Paris,
P.U.F., 1970
- PALMADA, Guy - La época de la burguesía, Madrid, Siglo XXI, 1980
- PERNOUD, Régine - Histoire de la bourgeoisie en France, Paris, Seuil,
1960
- PHILIP, André - Historia dos factos económicos e sociais, Lisboa,
Liv. Moraís, 1965
- PONTEIL, F. - Les classes bourgeoises et l'avènement de la
démocratie, Paris, P.U.F., 1968
- POSTAN, M.; HABAKKUK, H. (dir. de) - Historia económica de Europa,
T. IV, Jaén, ed. Rev. de Derecho Privado, 1977
- RÉMOND, René - Introduction à l'Histoire de notre temps, 3 vols.,
Paris, Seuil, 1974
- " " - Histoire des États-Unis, Paris, P.U.F., 1959
- RIOUX, J. P. - A Revolução Industrial, Lisboa, Publs. Dom Quixote,
1978
- ROSTOW, W. W. - Les étapes de la croissance économique, Paris, Seuil,
1962
- TAPINOS, Georges - Éléments de démographie, Paris, A. Colin, 1985
- SALAMONE, Nino - Causas sociais da Revolução Industrial, Lisboa,
Presença, 1980
- TOUCHARD, J. - História das Ideias Políticas, vols. 5 e 6, Lisboa,
Europa-América, 1970

CULTURA E MENTALIDADES NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

Docentes: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Drº Mº da Conceição Meireles Pereira

I. O Barroco e a sua problemática.

1. Época histórica, organização do Estado, forma de cultura, sensibilidade, mentalidade?

2. A crise de sensibilidade e os novos valores alternativos.

II. O Movimento Cultural das Luzes.

1. O Iluminismo como idade cultural. A geografia, a cronologia e a epistemologia iluminística.

2. O progresso - a filosofia, a ciência e a história.

3. As ideias, os homens e as obras.

III. O século XIX euroeu e a situação nacional.

1. As grandes etapas políticas, seu suporte ideológico. Correntes de sensibilidade e cultura.

2. A situação cultural portuguesa desde o início do liberalismo: religião e revolução.

3. O anticlericalismo: rafzes e termos.

4. O choque da ciência com a(s) crença(s).

5. O sentimento de decadência em Portugal na 2ª metade do séc. XIX: a educação contestada.

6. A imprensa periódica, sobretudo portuense: títulos. temáticas, ideias.

IV. O Movimento Cultural romântico no século XIX.

1. O conceito de Romantismo - polémica e problemática.

2. Focos materiais e difusão do movimento. Os diferentes "romantismos".

3. Sua recepção em Portugal.

V. O pensamento social na 1ª metade do século XIX.

1. O romantismo social. Os profetas de uma cidade mais justa. A utopia e o socialismo conceptual.

2. A herança iluminista: MaSly, Morelly, Meshier, Rousseau.

3. Saint-Simon e o socialismo tecnocrático.

4. A organização societária de Fourier.

5. Owen - a filantropia patronal. O socialismo mutualista e cooperativo.

6. Proudhon: sociologia e política.

VI. Correntes de pensamento e de sensibilidade do séc. XX: algumas etapas marcantes.

1. A cultura de massas.

2. Guerra e sensibilidade colectiva: as ideias, a cultura, os comportamentos.

3. Os anos loucos - situação da mulher.
4. As artes plásticas, o teatro, o cinema.
5. Regimes totalitários e massificação cultural.
6. Os "mass média".

Temas para investigação:

1. A "crise" em Portugal na 2^a metade do séc. XVIII.
2. A imprensa periódica: características, meios de acção, resultados.
3. As grandes mudanças do séc. XX e sua repercussão em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

BÉNICHOU, Paul - Le temps des prophètes-doctrines de l'âge romantique, Paris, 1977

CHAUNU, Pierre - La Civilisation de l'Europe des Lumières, Paris, 1971

DROZ, J. (dir. de) História Geral do Socialismo, Lisboa, 1976/9

GERBOD, Paul - L'Europe Culturelle et Religieuse de 1815 à nos jours. Paris, P.U.F., 1977

HAZARD, Paul - Crise da Consciência Europeia, Lisboa, 1971

"- O pensamento europeu no séc. XVIII, Lisboa, 1974

HAMPSON, Norman - Le siècle des Lumières, Paris, 1968

MARAVALL, J. Antonio - La cultura del barroco, Barcelona, 1980

PEYRE, Henri - Introdução ao Romantismo, Lisboa, 1975

PIRES, A. M. B. - A Ideia de Decadência na Geração de 70, Ponta Delgada, 1980

RÉMOND, René - L'anticléricalisme en France depuis 1815 à nos jours.

"- L'Ancien Régime et la Révolution, Paris, 1974

ROGIER, L. J. et al. - Nouvelle Histoire de l'Église, Vol. IV, Paris, 1966

SOBOUL, Albert et al. - Le siècle des Lumières, Paris, 1977

Nota: A propósito de cada assunto será citada a bibliografia específica na aula respectiva.

1. TEORIA DA HISTÓRIA E DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Docentes: Prof. Doutor João Francisco Marques
Dr. José Maciel Honrado Moraes Santos

Núcleo Temático:

1. Fundamentos e objectivos de uma reflexão teórica sobre a história.
 - 1.1. Natureza e vida - condições de inteligibilidade do passado.
 - 1.2. Homem, sociedade, memória e duração.
2. Conhecimento histórico: objecto, sujeito e limites.
 - 2.1. Epistemologia da história.
 - 2.1.1. Historicidade como categoria do real.
 - 2.1.2. Possibilidade e natureza do saber histórico.
 - 2.1.3. Objectividade e subjectividade.
 - 2.2. Realidade histórica e historiador: a historiografia.
 - 2.2.1. Facto e estrutura.
 - 2.2.2. Reconstituição a partir de um presente: causalidade e síntese.
 - 2.2.3. História: narração e/ou ciência
3. História e devir.
 - 3.1. Tempo e história.
 - 3.1.1. Cronologia e duração.
 - 3.1.2. Tempo social e periodização.
 - 3.2. Filosofia da história: perspectivas de análise.
 - 3.2.1. Dinâmica e teleologia.
 - 3.2.2. Concepções metafísicas e imanentistas do acontecer humano; de Santo Agostinho a Toynbee.

Aulas Práticas:

Será indicada oportunamente a colectânea a utilizar.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ARON, Raymond - Dimensions de la Conscience Historique, Paris, Plon, 1974
- " " - Introduction à la Philosophie de l'Histoire. Essai sur les limites de L'objectivité Historique, Paris, Gallimard, 1948
- " " - La Philosophie de L'Histoire. Essai sur une Théorie Allemande de L'Histoire, Paris, J. Vrin, 1969
- BARRACLOUGH, Geoffrey - Tendances Actuelles de L'Histoire, Paris, Flammarion, 1980
- BLOCH, Marc - Introdução à História, trad. portuguesa, Lisboa, Europa-América, s.d.
- BOURDE, G.; MARTIN, H. - Les Écoles Historiques, Paris, Seuil, 1982
- BRAUDEL, Fernand - História e Ciências Sociais, trad. portuguesa,

Lisboa, Presença, 1973

CARR, E. H. - Que é a História?, trad. portuguesa, Lisboa, Gradiva, s.d.

Les Catégories en Histoire, dir. Perelman, Bruxelles, Institut de Sociologie de l'Université Libre, 1963

CERTEAU, Michel - L'écriture de l'histoire, Paris, Gallimard, 1978

CHAUNU, Pierre - Histoire, Science Sociale, Paris, Sedes, 1974

COLLINGWOOD, R. G. - A Ideia de História, trad. portuguesa, Lisboa Encyclopédie Einaudi - I. "Memória - História", trad. portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984

Faire de L'Histoire: I. Nouveaux Problèmes; II. Nouvelles Aproches; III. Nouveaux Objects, dir. J. le Goff e P. Nora, Paris, Gallimard, 1974

FEBVRE, Lucien - Combates pela História, trad. portuguesa, 2 vols., Lisboa, Presença, 1977

FLEISCHER, H. - Concepção Marxista da História, trad. portuguesa, Edições 70, 1978

FOUCAULT, Michel - As Palavras e as Coisas, trad. portuguesa, Lisboa, Portugália, 1968

GARDINER, Patrick (org.) - Teorias da História, trad. portuguesa, Lisboa, Gulbenkian, 1969

GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaios, vol. III, Lisboa, Sá da Costa, 1971

GOMES, Pinharanda; QUADROS, António - A Teoria da História em Portugal: I. O Conceito da História; II. A Dinâmica da História, Lisboa, Espiral, s.d.

GRUNER, Rolf - Philosophies of History, Aldershot, Gower, 1985

HANDLIN, Oscar - La verdad en la historia, trad. Castelhana, México, Fondo de Cultura Económica, 1982

Histoire (L'), L'Ethnologue et le Futurologie, Paris, Mouton, 1972

LOWITZ, Karl - El Sentido de la Historia, trad. castelhana, Madrid, Aguilar, 1973

MARAVALL, José António - Teoría del Saber Histórico, Madrid, Revista de Occidente, s.d.

MARROU, H. I. - Do conhecimento Histórico, trad. portuguesa, Lisboa, Aster, 1974

" " " - Théologie de L'Histoire, Paris, Seuil, 1976

La Nouvelle Histoire, dir. Le Goff, Paris, Retz, 1978

POMIAN, Krzysztof - L'ordre du temps, Paris, Gallimard, 1984

POPPER, Karl - A Miséria do Historicismo, trad. portuguesa, S. Paulo, Cultrix, 1980

RAMA, Carlos - Teoria da Historia, trad. portuguesa, Coimbra, Almedina, 1980

RICOEUR, Paul - Histoire et Verité, Paris, Seuil, 1955

" " - Temps et Récit, 3 t., Paris, Seuil, 1984/1985

SCHAFF, Adam - História e Verdade, Lisboa, Estampa, 1977

THYSSEN, Johannes - Historia de la Filosofia de la Historia, trad.

Castelhana, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1954
VÉDRINE, Hélène - Les Philosophies de l'Histoire, Paris, Plon, 1974
VEYNE, Paul - Como se escreve a História, trad. portuguesa, Lisboa,
Edições 70, 1983
VILAR, Pierre - Iniciación al Vocabulário del Análisis Histórico,
trad. Castelhana, Barcelona, editorial, Crítica, 1980
WALSH, W. H. - Introducción a la filosofía de la historia, trad.
Castelhana, México, Siglo XXI, 1976

HISTÓRIA DA ARTE NO SÉCULO XIX

Docente: Dr. Agostinho Araújo

1. O Neoclassicismo

- 1.0. Arqueologia. Iluminismo. Revolução.
- 1.1. Fontes. Centros. Internacionalismo. Situações nacionais.
- 1.1.1. Arquitectura.
- 1.1.2. Escultura.
- 1.1.3. Pintura.
- 1.1.4. Artes decorativas.

2. A Época Romântica

- 2.0. Origens do movimento. Mentalidade e sensibilidade.
- 2.1. Romantismo, romantismos. Temas e géneros. O Academismo.
- 2.1.1. Pintura.
- 2.1.2. Escultura.
- 2.1.3. Arquitectura.
- 2.1.3.0. Tradição e ruptura.
- 2.1.3.1. Revivalismo.
- 2.1.3.2. Exotismo.
- 2.1.3.3. Ecletismo.
- 2.1.3.4. Engenharia e Arquitectura do Ferro.

3. Realismo, Naturalismo, Impressionismo

- 3.0. Ideologia e Arte. O Realismo.
- 3.0.1. Pintura.
- 3.0.2. Escultura.
- 3.1. Ciência, Filosofia, Arte. O Naturalismo.
- 3.1.1. Pintura. Barbizon.
- 3.1.2. Escultura.
- 3.2. O Impressionismo.
- 3.2.0. Percussores.
- 3.2.1. Os Impressionistas.
- 3.2.2. Difusão.
- 3.2.3. Neo-Impressionismo.
- 3.2.4. Pós-Impressionismo.
- 3.3. A Escultura.
- 3.3.1. Rodin.
- 3.3.2. Rosso.

BIBLIOGRAFIA

- 1978
- ANTAL, Frederik - Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón,
 - BENEVOLO, Leonardo - Historia de la Arquitectura Moderna, 2^a ed.,

Barcelona, Gustavo Gili, 1974

CALVO SERRALLER, Francisco (org.) - Ilustración y Romanticismo,
Barcelona, Gustavo Gili, 1982

CHICÓ, Mário Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira -
Dicionário da Pintura Universal, 3 vols., Lisboa, Estúdios Cor, 1973

CLAUDON, Francis (org.) - Enciclopédia do Romantismo, Lisboa, Verbo,
1986

COURTHION, Pierre - Le Romantisme, Lausanne, Skira, 1961

FRANCATEL, Pierre - Le Style Empire (du Directoire à la
Restauração), Paris, Larousse, 1939

" " - La réaction classique aux XVIIIe et XIXe
siècles, in "L'Art et l'Homme" (direc. René Huyghe), vol. 3, Paris, Larousse,
1961, pp.263-272

" " - Arte e Técnica nos séculos XIX e XX,
Lisboa, Livros do Brasil, s/d. [1963]

FRANCATEL, Pierre - Histoire de la Peinture Française, 2 vols., 3^a
ed., Paris, Gonthier, 1971

" " - L'impressionnisme, Paris,
Denoel/Gonthier, 1974

" " - Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984

FRANÇA, José-Augusto - O Romantismo em Portugal, 6 vols., Lisboa,
Livros Horizonte, 1974

" " - A Arte em Portugal no Século XIX, 2 vols., 2^a
ed., Lisboa, Bertrand, 1981

" " - Lisboa Pombalina, 3^a ed., Lisboa, Bertrand,
1987

FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona,
Gustavo Gili, 1982

GUINSBURG, J. (org.) - O Romantismo, 2^a ed., São Paulo, Perspectiva,
1985

HOMOUR, Hugh - Neo-Classicism, Harmondsworth, Penguin, 1968

" " - El Romanticismo, 2^a ed., Madrid, Alianza, 1984

HUYGHE, René - L'Art et l'Homme, vol. III, Paris, Larousse, 1961

HUYGHE, René; RUDEL, Jean - L'Art et le Monde Moderne, vol. I, Paris,
Larousse, 1970

KAUFMANN, Emil - La Arquitectura de la Ilustración, Barcelona,
Gustavo Gili, 1974

MATHEY, François - O Impressionismo, Lisboa, Verbo, 1972

NOVOTNY, Fritz - Pintura y Escultura en Europa 1780-1880, Madrid,
Cátedra, 1986

PARISSET, François-George - L'Art Néo-Classique, Paris, P.U.F., 1974

PONENETE, Nello - Les Structures du Monde Moderne, 1850-1900, Genève,
Skira, 1965

REWOLD, John - Histoire de l'Impressionisme, Paris, Albin Michel,
1955

RHEIMS, Maurice - La Sculpture au XIXe Siècle, Paris, Arts et Métiers

Graphiques, 1972

ROSEN, Charles; ZERNER, Henri - Romantisme et Réalisme, Paris, Albin Michel, 1986 .

SELZ, Jean - Découverte de la Sculpture Moderne, Lausanne, La Guilde du Livre, 1963

SYPHER, Wyllie - Do Rococó ao Cubismo, São Paulo, Perspectiva, 1980

VAUGHAN, William - Romantic Art, London, Thames and Hudson, 1978

HISTÓRIA DE ARTE DO SÉCULO XX GERAL E EM PORTUGAL

Docente: Dr. António Cardoso

1. A Arquitectura do séc. XX

1.1. A cidade industrial na América. A Escola de Chicago.

1.2. Os movimentos europeus de vanguarda de 1890 a 1914. As experiências urbanísticas. O nascimento da urbanística moderna.

1.3. A formação e desenvolvimento do movimento moderno. O expressionismo. O racionalismo. A urbanística racionalista. Os mestres.

1.4. A crise do racionalismo.

1.5. Arquitectura e compromisso político. A Arquitectura, o Estado e a ideologia. O urbanismo.

1.6. O movimento orgânico.

1.7. O segundo apósguerra. A reconstrução. Os modelos americanos. O urbanismo.

1.8. A morte da arquitectura moderna (?). A arquitectura pós-moderna, o historicismo, o eclectismo, a citação.

2. A Arquitectura em Portugal no séc. XX

2.1. O fim do século. O eclectismo historicista. As influências francesas.

2.2. A problemática de A Casa Portuguesa. Raúl Lino e os modelos culturalistas.

2.3. A Arte Nova como epifenómeno em Lisboa e Porto.

2.4. Lisboa e As Avenidas Novas. O Porto: Barry Parker, Marques da Silva e a Avenida da Cidade.

2.5. As Artes Déco. Sua notícia em Oliveira Ferreira, Marques da Silva, Pardal Monteiro e Manuel Marques.

2.6. Racionalismo e funcionalismo. Carlos Ramos, Cristino da Silva e Cassiano Branco. Rogério de Azevedo e a hipótese expressionista.

2.7. Os Liceus e o partido modernista. A Casa de Serralves, no Porto. Projecto e desenvolvimento.

2.8. Uma 2ª geração de arquitectos modernos: Keil do Amaral e Viana de Lima.

2.9. Duarte Pacheco e o urbanismo da capital. O urbanismo portuense: de Ezequiel de Campos a Piacentini e Muzio.

2.10. A Exposição do Mundo Português. O culto nacionalista e monumental. Cottinelli Telmo. Os grandes trabalhos públicos.

2.11. Os Monumentos nacionais. O restauro e suas concepções.

2.12. O 1º Congresso Nacional de Arquitectura e os Anos 50. "A Arquitectura popular em Portugal".

3. A Pintura do séc. XX

3.1. O Impressionismo e o neo-impressionismo, uma estética do real.

O seu legado.

- 3.2. Simbolismo, Art Nouveau, Fauvismo e Expressionismo. Características dominantes e algumas invariantes.
 - 3.3. O Cubismo. As suas origens, fases e derivações.
 - 3.4. O Orfismo e o Futurismo. A apologia da máquina.
 - 3.5. O Dadaísmo e o absurdo contemporâneo. As novas técnicas: colagem, o ready-made, a fotomontagem.
 - 3.6. O Surrealismo e a tradição maneirista e fantástica. A psicanálise.
 - 3.7. Construtivismo e Abstracção. A Escola de Paris.
 - 3.8. O Expressionismo abstracto. A Arte na América. Expansão internacional da abstracção lírica. O gestualismo.
 - 3.9. O regresso ao objecto.
 - 3.10. A pop-art, o novo realismo. Arte e tecnologias: o Cinetismo, o Hiperrealismo.
 - 3.11. A anti-arte e as manifestações conceptuais.
 - 3.12. Tendências das últimas décadas. O pós-modernismo.

4. A Pintura portuguesa do século

- 4.1. As persistências naturalistas. Humoristas e modernistas. O Futurismo.
 - 4.2. Amadeu de Sousa Cardoso: rafzes e modernidade.
 - 4.3. Os Anos 20. A primeira geração.
 - 4.4. Os Anos 30 e 40. O Salão dos Independentes. A Exposição do Mundo Português. A "política do espírito".
 - 4.5. A segunda geração.
 - 4.6. Os Anos 40 e 50. O neo-realismo e o surrealismo. Confrontos. Figurativos e abstractos. A terceira geração.
 - 4.7. Nova figuração. Signo. Objecto. A pop-art e a op-art.
 - 4.8. A nova abstracção. Ambientes. O conceptualismo.
 - 4.9. As últimas décadas. Tendências. Um novo eclectismo.

5. A Escultura do séc. XX. Estudo comparativo em função do processo da Pintura e (até) da Arquitectura.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

I. Arte Geral

ARGAN, Giulio Carlo - El Arte Moderna, 2^a ed., Fernando Torres Editor, Valencia, 1976

BENEVOLO, Leonardo - História de la Arquitectura Moderna, 4^a ed., Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1980

BLUNDEN, Maria e Godfrey - La peinture de l'impressionnisme, Génève, Albert Skira, 1981

- BRETTON, André - Manifestes du Surrealisme, Paris, Gallimard, 1979
 DE FUSCO, Renato - Historia de la Arquitectura Contemporanea, Madrid, H. Blume Ediciones, 1981
 DELEVOY, Robert L. - Le Symbolisme, Geneve, Albert Skira, 1982
 FERRIER, Jean Louis - Picasso/Guernica, Paris, Denoel/Gonthier, 1977
 FRAMPTON, Kenneth - Historia critica de la arquitectura moderna, Barcelona, Ed. Gustavo, Gili, 1987
 GOLDING, John - Le cubisme, Ed. Paris, Ed. René Julliard, 1965
 HUYGHE, René e RUDEL, Jean - L'art et le monde moderne, Paris, Larousse, 1969
 KANDINSKY, Wassily - Cours du Bauhaus, Paris, D./Gonthier, 1975
 MARINETTI, F. T. - Manifiestos y textos futuristas, Barcelona, Ed. del Cotal, 1978
 PICON, Gaetan - Le Surrealisme, Génève, Albert Skira, 1983
 PIJOAN, J. (dir.) - História da Arte, Lisboa, Ed. Alfa, 1972
 PONENTE, Nello - Peinture moderne/Tendances Contemporaines, Paris, 1980
 READ, Herbert - A Concise History of Modern Sculpture, Londres, Thames and Hudson, 1979
 SEDLMAYR, Hans - A Revolução da Arte Moderna, 2^a ed, Lisboa, Livros do Brasil, 1980
 ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, Lisboa, Arcádia, 1979

II. Arte em Portugal

- FRANÇA, José Augusto - A Arte em Portugal no Século XX, Lisboa, Bertrand, 1974
 " " " - O modernismo na arte portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve/ Instituto de Cultura Portuguesa, 1979
 " " " - Lisboa, Urbanismo e Arquitectura, Lisboa, Biblioteca Breve, 1980
 " " " - Amadeo de Souza - Cardoso [...] & Almada Negreiros [...], Lisboa, Bertrand Editora, 1983
 GONÇALVES, Rui Mário - Pintura e Escultura em Portugal - 1940-1980, Lisboa, Biblioteca Breve, 1980
 GONÇALVES, Rui Mário e outros - História da Arte em Portugal, Lisboa, Publicações Alfa, 1986

ARQUEOLOGIA MEDIEVAL

Docente: Dr. Mário Jorge Barroca

1. Introdução. Importância da Arqueologia Medieval. Os "documentos" da Arqueologia Medieval. Aspectos metodológicos.

2. Castelologia Medieval. Ritmos de incastelamento. Evolução e tipos de castelos. Evolução da poliorcética. Castelos e organização do território. Relações com a topografia, o sistema viário, o povoamento e a economia. O castelo como polo catalizador e organizador do povoamento.

3. Armamento Medieval. Aspectos da sua evolução. Os grandes momentos de inovação. Os seus reflexos em algumas soluções arquitectónicas utilizadas nos castelos.

4. Caminhos e pontes medievais. Características do sistema viário medieval e da estrutura material das suas vias. A arte de construir pontes. Evolução das características das pontes medievais. As estruturas polarizadas em torno dos itinerários medievais: pousadas, hospitais e feiras.

5. Cidades e vilas medievais portuguesas. Seu urbanismo. Aspectos da vivência urbana.

6. Arqueologia dos paços e da "domus fortis". A evolução das casas senhoriais: das necessidades de afirmação e de defesa aos requisitos de conforto. A casa urbana e a casa rural: características e contrastes.

7. Aspectos técnicos das construções medievais. Aparelhos e siglas.

8. Arqueologia Agrária. A paisagem como testemunho de civilização. Ecossistemas. Villas e casais. Explorações conventuais e granjas. Explorações agrárias e seus testemunhos arqueológicos. Utensilagem agrícola: arados, vessadouros, carros, enxadas, etc. Eiras, celeiros, espigueiros, lagares, moínhos e azenhas. Regadio.

9. Sepulturas medievais. Da evolução tipológica e cronológica aos ritos funerários.

10. Cerâmica Medieval e outros testemunhos da utensilagem doméstica medieval.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - Vias Medievais I. Entre-Douro-

- e-Minho, Porto, ed. policopiada, 1968
 " " " " - Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, Porto, ed. policopiada, 1978
 " " " " - "Território Paroquial no Entre-Douro-e-Minho. Sua Sacralização", Nova Renascença, 2, Porto, 1981
 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; e outros - Escavações Arqueológicas em Stº Estevão da Facha, Ponte de Lima, 1981
 BARCELÓ, Miguel - Arqueología Medieval. En las afueras del "medievalismo", Barcelona, 1988
 BARROCA, Mário Jorge - Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV), ed. policopiada, Porto, 1987
 BARROCA, Mário Jorge, e outro - "A Terra e o Castelo - Uma Experiência Arqueológica em Aguiar da Pensa", Portugália, Nova Série, vol. VI/VII, 1985-86
 BOUARD, Michel de; RIU, Manuel - Manual de Arqueología Medieval, Barcelona, 1977
CASTILLO, Alberto del - Excavaciones Altomedievales en las Provincias de Soria, Logroño y Burgos, "Excavaciones Arqueológicas en España", Madrid, 1972
 CHAPELOT, Jean, e FOSSION, Robert - Le village et la maison au Moyen Age, Paris, 1980
 CORREIA, Vergílio - "Três Túmulos", Obras, vol. V, Coimbra, 1978
 D'ARCHIMBAUD, G. Demians - Les Fouilles de Rougiers, Paris, 1981
 FERREIRA PRIEGUE, Elisa - Los Caminos Medievales de Galicia, Orense, 1988
 FOURNIER, Gabriel - Le Chateau dans la France Médiévale, Paris, 1978
 GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino, e outros - La Cerámica Medieval en el Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximación a su Estudio, Léon, 1989
 MARQUES, A. H. Oliveira, e outros - Atlas de Cidades Medievais Portuguesas, I, lisboa, 1990
 MEREA, Paulo, e GIRÃO, A. Amorim - "Territórios Portugueses no século XI", Revista Portuguesa de História, 2 Coimbra, 1943
 PESEZ, Sené, e outros - La construction au Moyen-Age, Paris, 1973
 RIU, Manuel - L'Arqueología Medieval a Catalunya, Barcelona, 1989
 TORRES, Claudio - Cerâmica Islâmica Portuguesa, Mértola, 1987
 VERHULST, Adrian - "L'Archéologie et l'Histoire des champs au Moyen Age: Introduction à l'Archeologie Agraire", L'Archéologie du Village Médiévale, Louvain, 1967

NOTA: No caso de esta cadeira funcionar como disciplina de opção para outros casos, e atendendo à orgância de certas aulas, o docente sugere que seja limitado o número de opções até um máximo de 15 alunos.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docentes: Dr^a Fernanda Figueira

Dr. Raul Cunha

Dr^a Olga Lima

A contratar

I. Introdução

Sem preterir a vertente pragmática, implícita no âmbito da teoria curricular, quer a nível da organização, quer do seu desenvolvimento, pareceu-nos conveniente reforçar a componente teórica. Tal orientação coloca-nos em sintonia com o pensamento de L. STENHOUSE, segundo o qual o professor deve aliar à prática lectiva a investigação.

KEMMIS insiste neste ponto que é, de resto, o fundamento de uma das várias metateorias da teoria curricular.

O professor carece de uma sólida base teórica que lhe permita investigar num campo - o da educação - onde permanecem "black boxes" plurais, cujo interior pode e deve ser pesquisado.

É claro que este rumo implica sólido investimento na investigação científica.

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo, de certa forma, todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica do processo de ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos docentes para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem científicamente o seu ensino.

II. Objectivos

- Desenvolver atitudes de reflexão e de investigação científica.
- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Relacionar educação com o processo ensino-aprendizagem.
- Adquirir os conhecimentos fundamentais do currículo, seus fundamentos, desenvolvimento e avaliação.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares.
- Justificar, a partir da teoria curricular, as decisões na ação didáctica.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas.

III. Conteúdos Programáticos

1. Análise sistemática da Educação.

1.1. A T.G.S.

1.2. A sistémica como tecnologia.

1.3. A entropia e a redundância.

- 1.4. Sistémica e modelos.
- 1.5. Educação sistémica e comunicação.
2. Problemática conceptual do currículo.
 - 2.1. Natureza e teoria do currículo.
 - 2.2. Metateorias da teoria curricular.
 - 2.3. Metateorias, teorias do currículo e reprodução cultural.
 - 2.4. Os códigos curriculares.
 - 2.5. Conceitos de currículo.
- 2.6. Componentes do currículo: objectivos, conteúdos, estratégias, planificação e avaliação.
3. Organização e desenvolvimento curricular.
 - 3.1. Modelos de organização e de desenvolvimento curricular.
 - 3.2. Modelos teóricos.
 - 3.2.1. Modelos de TYLER e de TABA.
 - 3.2.2. Modelos sistémicos.
 - 3.2.3. Modelo integrador.
 - 3.3. Desenvolvimento curricular e formação de professores.
 - 3.4. Organização escolar.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- APPLE, M. W. - Ideología y Curriculo, trad. Rafael Lassaletta, Madrid, Akal, 1986
- BALLANTI, G. - Modelli di Apprendimento e schemi di insegnamento, Teramo, Lisciani e Giunti, 1989
- CORTESÃO, L.; TORRES, M. - Avaliação pedagógica I e II, Col. Ser professor, Porto, Porto Editora, 1983
- D'HAINAUT, L. - Educacão. Dos fins aos objectivos, Coimbra, Almedina, 1980
- KELLY, A.V. - O currículo: teoria e prática. S. Paulo, Habra, 1980
- LANDSHEERE, V.; LANDSHEERE, G. - Definir os objectivos da educação, Lisboa, Morais, 1977
- LANDSHEERE, G. - Avaliação Contínua e Exames: Noções de Docimologia, Coimbra, Almedina, 1979
- MARAGLIANO, R.; VERTECCHI, B. - La programmazione didattica, Roma, Riuniti, 1986
- POCZTAR, J. - Analyse systémique de l'éducation: essai, Paris, E.S.F., 1989
- STENHOUSE, L. - An introduction to curriculum research and development, London, H.E.B., 1981
- TENBRINK, T. - Evaluation: a practical guide for teachers, New York, Mc Graw-Hill, 1984
- ZABALZA, M. A. - Diseño y desarrollo curricular, Madrid, Narcea, 1987

NOTA. A bibliografia específica será oportunamente fornecida.

METODOLOGIA DO ENSINO DA HISTÓRIA

Docentes: Dr^a Maria Manuela Alves
Dr. Luís Alberto Marques Alves

FINALIDADES

Pela aplicação dos princípios da andragogia, utilização da dinâmica de grupo e articulação da teoria com a prática, o esquema programático visa as seguintes finalidades:

- fazer reflectir criticamente sobre as linhas de força das concepções pedagógico-didácticas actuais;
- promover a aquisição de competências exigidas pela função docente a nível do saber, do saber - fazer, do saber - ser e do saber - mudar;
- favorecer a aquisição de uma atitude científica face à realidade pedagógica;
- integrar os conhecimentos numa perspectiva interdisciplinar;
- facilitar a auto-formação pessoal e profissional.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

1. Introdução.
 - 1.1. Pedagogia e Didáctica.
 - 1.2. As dimensões psicológicas e relacionais da Didáctica.
 - 1.3. Uma metodologia de acção pedagógica.
2. Didáctica da História.
 - 2.1. Finalidade e objectivos educativos da História.
 - 2.1.1. Finalidades educativas e objectivos da História.
 - 2.1.2. Taxonomias e objectivos da História.
 - 2.1.3. Os processos abertos.
 - 2.1.4. Pedagogia com objectivos, Pedagogia por objectivos?
 - 2.2. Os conteúdos programáticos - transmissão e formação.
 - 2.2.1. Currículo, programa, programação.
 - 2.2.2. Perspectiva histórica do ensino da História.
 - 2.2.3. Epistemologia e ensino/aprendizagem da História.
 - 2.2.4. Problemática da selecção e estruturação dos conteúdos.
 - 2.2.5. Critérios para a selecção dos conteúdos.
 - 2.3. A estratégia de acção pedagógica.
 - 2.3.1. A problematização das situações.
 - 2.3.1.1. Motivação e aprendizagem.
 - 2.3.1.2. A construção da situação pedagógica.
 - 2.3.1.3. A formulação do problema.
 - 2.3.1.4. A pedagogia das situações e as funções do professor.
 - 2.3.2. Os procedimentos pedagógicos.

- 2.3.2.1. Questões de terminologia.
- 2.3.2.2. Os documentos no ensino/aprendizagem da História.
- 2.3.2.3. O método da descoberta guiada.
- 2.3.2.4. Métodos de trabalho autónomo.
- 2.3.3. A comunicação pedagógica.
- 2.3.3.1. Análise psicosociológica da comunicação na sala de aula.
- 2.3.3.2. Técnicas de comunicação.
- 2.4. Os recursos didácticos.
- 2.4.1. Critérios para a escolha de recursos.
- 2.4.2. A exploração pedagógica dos audio-visuais.
- 2.5. A avaliação.

BIBLIOGRAFIA

A indicação dos títulos seguintes não significa obrigatoriedade de leitura integral. À medida que o programa for sendo cumprido, serão dadas indicações sobre as leituras essenciais.

- ANZIEU, D; MARTIN, J. Y. - La Dynamique des groupes restreints - PUF, Paris
- ARIP - Pedagogia e Psicologia dos Grupos - L. Horizonte, Lisboa.
- BANY, M.A.; JOHNSON, L.V. - Dynamique des groupes et education, Dunod, Paris
- CHAFFER, J.; TAYLOR, L. - A História e o Professor de História - Livros Horizonte, Lisboa
- CHAULANGES, M. - Essai sur le rôle et l'emploi du texte dans l'enseignement de l'histoire - Delagrave, Paris
- CITRON, S. - Ensinar História hoje - a memória perdida e reencontrada - Livros Horizonte, Lisboa
- COLTHAM, J.; FINES, J. - Objectivos Educacionais para o Estudo da História - uma sugestão de esquema de trabalho - A.P.H., Lisboa
- DINIZ, M.E. - Que História ensinámos? Que História ensinamos? in A.P.H., Boletim nº7, Novembro, 1983
- DOMINGOS, A.M.; NEVES, I.; GALHARDO, L. - Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem - Livros Horizonte, Lisboa
- DUPONT, Pol - A dinâmica do grupo-turma - Coimbra Editora, Lda, Coimbra
- JACQUINOT, G. - L'École devant les écrans - ESF, Paris
- LANDSHEERE, V. e G. De - Definir os objectivos da Educação - Moraes Editora, Lisboa
- LEROUY, G. - Le dialogue en éducation - PUF, Paris
- MINDER, M. - Didáctica funcional - Coimbra Editora, Lda, Coimbra
- POSTIC, M. - A relação pedagógica - Coimbra Editora Lda, Coimbra
- RODRIGUEZ DIÉGUEZ, J. L. - Didáctica General - Cincel, Madrid

ROLDÃO, M. C. - Gostar de História, Um Desafio Pedagógico - Texto Editora, Lisboa
ZABALZA, M. A. - Diseño y desarrollo curricular - Narcea Ediciones, Madrid



DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO



HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

- O Porto e a expansão portuguesa.

- Instituições de cultura na cidade.

- O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

- Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipalis Portucalensi asservantur..., 5 vols., 1911-1961

Coleção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damíão Peres e António Cruz, 3 vois., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938
COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

Docente: Dr. Agostinho Araújo

I. Problemática de uma ciência jovem.

0. Introdução.

0.1. Historicidade e especificidade da Arte.

0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.

0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.

1. Evolução da estética sociológica.

1.1. Um precursor: Diderot.

1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.

1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.

1.3.1. H. Taine.

1.3.2. J. M. Guyau.

1.3.3. Ch. Lalo.

2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.

2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickhoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).

2.2. Influência da Escola de Viena.

2.2.1. F. Antal.

2.2.2. W. Weisbach.

2.3. Warburg e os seus discípulos.

2.3.1. A. Warburg.

2.3.2. F. Saxl.

2.3.3. O Instituto Warburg.

2.3.4. E. Panofsky.

2.4. W. Benjamin.

2.5. Os marxistas (M. Ephael, A. Hauser, E. Fischer, N. Hadjini-colaoou).

3. A Sociologia Arte fundada por Pierre Francastel.

3.1. Fundamentação global.

3.2. Conceitos operatórios.

3.3. Programa de pesquisa.

II. Amostragem de Análises práticas

0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.

1. Sociologia das condições sociais de criação.

1.1. Mecenato.

1.2. Programa imposto.

1.3. Responsabilidade político-cultural de Estado.

1.4. Arte oficial.

2. Sociologia da criação.

- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.
- 3. Sociologia das condições sociais de utência.
 - 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
 - 3.2. Modas.
 - 3.3. Meios de publicidade.
 - 3.4. Técnicas de reprodução.
- 4. Sociologia da utência.
 - 4.1. Colecções.
 - 4.2. Frequência de museus.
 - 4.3. Consumo de literatura artística.
 - 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTAL, Frederik - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948
- "- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2^a ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971
- BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979
- BEKER, Howard - Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26
- BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociología da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47
- BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966
- DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objeto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Encyclopédia Einaudi", vol. 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-211
- DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal", New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32
- DIDEROT/FALCONET - Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958
- DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974
- "- Símbolo, comunicación y consumo, 2^a ed., Barcelona, Lumen, 1975
- FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975

- "- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977
- FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- FRANCASTEL, Galienne - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'oeuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28
- FRANCASTEL, G.; FRANCASTEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969
- FRANCASTEL, Pierre - L'impressionisme, 2^a ed., Paris, Denoel, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- "- Histoire de la Peinture Française, 3^a ed., 2 vols., Paris, Gouthier, 1971
- "- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologie" (direc. G. Gurvitch), 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p.. 278-296
- "- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIII^e siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Études), pp. 331-357
- "- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982
- "- L'image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
- "- Études de Sociologie de l'Art. Crédation picturale et société, Paris, Denoel, 1970
- FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XX"" (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
- "- Lisboa, Pombalina e o Iluminismo, 2^a ed., Lisboa, Bertrand, 1977
- "- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
- "- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
- "- Temas de história e de sociología da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
- FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9^a ed., Paris, Félix Alcan, 1912
- HADJINICOLAOU, Nicos - L'object de la discipline de l'Histoire de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
- "- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
- "- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
- HAUSER, Arnold - Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama,

1975-1977

- Teorias da Arte, 2^a ed., Lisboa, Presença, 1978
- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984
- LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921
- MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIII^e Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974,
sep. de "Bracara Augusta", XXVII

HISTÓRIA DE ARTE EM PORTUGAL

Docentes: Dr. Agostinho Araújo

Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor

João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro). Artes decorativas. Alguns colecionadores.

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitectura do Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICÓ, Mário Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no sécuto XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981

"- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482

"- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974

"- Amadeo de Souza-Cardoso, 2^a edição, Lisboa, Inquérito, 1972

"- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973

"- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor, 1974

"- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve, 1979

GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no noroeste de

Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto,
vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184

MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado, Porto, Lopes
da Silva, 1945

SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3 vols.,
Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970

SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800, London/New York,
Meredith Press, 1968

ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols., Lisboa,
Arcádia, 1979

H30

HISTÓRIA URBANA GERAL E DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Funções das cidades.

1.2. Planos geomórficos, concéntricos e ortogonais.

1.3. A cidade do Egípto Faraónico e na Mesopotâmia.

1.4. A cidade cretense e micénica.

2. Grécia Antiga.

2.1. O nascimento e desenvolvimento da cidade grega.

2.2. A colonização e o aparecimento de novas cidades.

2.3. A cidade em Platão e Aristóteles.

3. Urbanismo helenístico - da polis à megapolis.

4. A cidade romana.

4.1. O urbanismo etrusco e o ritual de fundação.

4.2. Os grandes princípios do urbanismo romano.

4.2.1. O ritual de fundação.

4.2.2. O plano das cidades romanas.

4.3. Os principais elementos urbanos.

4.4. As cidades romanas em Portugal.

4.5. A cidade em Vitrúvio.

5. Urbanismo medieval.

5.1. Origens e formas da cidade medieval.

5.2. As novas cidades.

5.3. A rua e a praça na cidade medieval.

5.4. O Porto medieval.

6. A cidade do mundo islâmico.

7. Urbanismo do século XVI.

7.1. O novo ideal urbano.

7.1.1. As cidades ideais.

7.1.2. A cidade em More e Campanella.

7.2. Roma.

7.3. Aspectos do urbanismo na Europa do século XVI.

8. Urbanismo dos séculos XVII e XVIII.

8.1. Preocupações de ordem prática.

8.2. A estética urbana.

8.3. Urbanismo e política.

8.4. Criação urbana: as grandes alterações nas cidades da Europa.

8.5. As novas cidades.

9. O urbanismo em Portugal na segunda metade do século XVIII.

9.1. Lisboa.

9.2. Porto.

9.3. Vila Real de Santo António.

10. A cidade e a festa (século XVI-XVIII).

BIBLIOGRAFIA

- BENEVOLO, Leonardo - Diseño de la ciudad, México, Ed. G. Gili, 1979
- CHARRE, Alain - Art et urbanisme, "Que sais-je?", nº 2089, Paris, PUF, 1983
- FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. - O Porto na Época dos Almadas (1757-1804). Arquitectura. Obras Públicas, Porto, 1987
- FRANÇA, José-Augusto - Lisboa Pombalina e o Iluminismo, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977
- HARQUEL, Jean-Louis - Histoire de L'Urbanisme, Paris, P.U.F., "Que sais-je?", nº 1892, 1981
- ROSENAU, Helen - A Cidade Ideal. Evolução arquitectónica na Europa, Lisboa, Editorial Presença, 1988

Docente: Profª Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica.

1.2. As teorias da arte. Aparecimento e formação.

1.3. A crítica da arte: seu génesis e evolução.

1.4. As relações entre artista, consumidor e obra de arte.

Importância destes três vectores para os campos das teorias e da crítica da arte.

2. O Homem e a criação artística.

2.1. A arte e o gosto.

2.2. O artista e a criação.

2.3. O papel da imaginação na génese da obra de arte.

2.4. O belo e o feio. O completo e o inacabado. O racional e o ir-racional.

3. A Antiguidade Clássica.

3.1. A crítica da arte e a figura de Xenócrates.

3.2. As posições de Platão e de Aristóteles face ao fenómeno artístico.

3.3. Cícero e Quintílio; os cânones escultóricos e pictóricos e os "connoisseurs".

3.4. Vitrúvio e a importância do seu tratado de arquitectura.

4. A Idade Média.

4.1. A espiritualidade da arte.

4.2. A arte e a beleza.

4.3. O pensamento de Plotino, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino e a arte.

4.4. O valor das encyclopédias e dos tratados de óptica.

5. A visão renascentista da Arte.

5.1. O "Quattrocento" florentino e o neoplatonismo.

5.2. O papel dos teóricos. A importância dos tratados de Leão Battista Alberti e de Leonardo da Vinci.

5.3. A Alta Renascença e as novas concepções artísticas. O impacto das obras de Arentino, Ludovico Dolce e Paolo Pino.

5.4. O papel e a função do crítico.

6. O período barroco.

6.1. Os artistas barrocos: as vertentes realistas e classicizante.

6.2. O sentimento e a sua expressão nas artes plásticas.

6.3. As directrizes tridentinas e a sua influência nas artes plásticas.

6.4. A crítica da arte e as posições de Bellori e de Boschini.

7. As teorias e a crítica da arte da época das Luzes ao neoclassicismo.

BIBLIOGRAFIA

- BEARDSLEY, M. C.; HOSPERS, J. - Estética: Historia y Fundamentos, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- ECO, Umberto - Arte e Beleza na Estética Medieval, Lisboa, Editorial Presença, 1989
- HAUSER, Arnold - Teorias da Arte, Lisboa, Editorial, Presença, 1973
- KRIS, Ernest/KURZ, Otto - Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista, Lisboa, Editorial Presença, 1988
- PANOFSKY, Erwin - Renacimiento y Renacimientos en el Arte Occidental, Madrid, Alianza Editorial, 1975
- "- Idea. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1977
- RICHARD, André - La Critique d'Art, Paris, P.U.F, 1968
- SCHOLOSSER, Julius - La Literatura Artística. Manual de Fuentes de la Historia Moderna del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, Paris, Flammarion, 1969
- COLECCÃO de 8 volumes - Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Docente: Prof. Doutor Francisco Alberto Fortunato Queirós

1. Introdução à História da Educação.
2. A educação na Antiguidade Clássica.
3. A educação medieval.
4. O Renascimento e o Humanismo na educação.
5. A Reforma e a Contra Reforma na Educação.
6. A educação no século XVII.
7. A educação no séc. XVIII.
8. A educação no séc. XIX.
9. A educação no séc. XX.
10. A educação em Portugal, no séc. XX

NOTA: Nos Pontos 3 a 8, far-se-á, sempre que oportuno, uma ligação com a História da Educação em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

Aconselham-se duas obras gerais: Histoire Mondiale de l'Éducation, publiée sous la direction de Gaston MIALARET et Jean VIAL, 4 vols., Paris, P.U.F., 1981. (Há edição portuguesa); História do ensino em Portugal (...), por Rómulo de CARVALHO, F.C.G., Lisboa, 1986.

A restante bibliografia será anunciada no desenvolvimento de cada rubrica.

HISTÓRIA DO BRASIL

Docente: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos

O programa será indicado oportunamente pelo docente.

I N D I C E

| | |
|--|----|
| HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL | 1 |
| SOCIEDADES, ECONOMIA E POLÍTICA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA | 5 |
| CULTURAS E MENTALIDADES NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA | 8 |
| TEORIA DA HISTÓRIA E DO CONHECIMENTO HISTÓRICO | 10 |
| HISTÓRIA DE ARTE NO SÉC. XIX | 13 |
| HISTÓRIA DE ARTE NO SÉC. XX GERAL E EM PORTUGAL | 16 |
| ARQUEOLOGIA MEDIEVAL | 19 |
| ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR | 21 |
| METODOLOGIA DO ENSINO DA HISTÓRIA | 23 |

OPÇÕES

| | |
|---|----|
| HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO | 1 |
| SOCIOLOGIA DA ARTE | 2 |
| HISTÓRIA DE ARTE EM PORTUGAL | 6 |
| HISTÓRIA URBANA GERAL E DE PORTUGAL | 8 |
| TEORIA E CRÍTICAS DA ARTE | 10 |
| HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO | 12 |
| HISTÓRIA DO BRASIL | 13 |